
O DESEMPREGO, A EUROPA E O KONDRATIEFF

Frédéric Mauro

Professor emérito
das Universidades de Paris III e X

As medidas tomadas contra o desemprego, sobretudo na França, não podem deixar de nos asombrar. Essas medidas aparecem sejam como subterfúgios – prorrogação da escolaridades e dos estudos universitários, aposentadoria antecipada, siminuição da jornada semanal de trábalo – seja como a manipulação conjuntural de certas variáveis macro-econômicas – aumento dos salários e, por conseguinte, da demanda, incremento dos ao investimento e à exportação etc. Essas medidas levam à redução do desemprego conjuntural. Geralmente elas são inspiradas pela política keynesiana e permitem superar as crises de quarto prazo ocorridas durante os “Trinta Gloriosos” (1944-1973).

Ora, a parte mais pesada do desemprego atual não tem causas conjunturais, mas sim estruturais. Aplicar-lhe receitas da política conjuntural é chover no molhado. A depressão pela qual passamos desde 1973 é a fase de depressão de um movimento de longa duração é um velho conhecido dos historiadores e dos economistas: trata-se da flutuação conhecida como ciclo de Kondratieff, nome do economista russo que a estudou detidamente. Ele não foi o único. Na França, os historiadores econômicos Simiand e Labrousse se tinham debruçado sobre ela já antes de Kondratieff. Essa flutuação é identificada na história do Ocidente ainda antes de Revolução Industrial. Ela era devida, então, a uma flutuação climática e meteorológica combinada com flutuações de curta duração – estas com ciclos de quatorze anos aproximadamente. A partir da Revolução Industrial a flutuação de longa duração corresponde a sucessivas mudanças profundas na estrutura do capitalismo: capitalismo patrimonial antes de 1847, capitalismo anônimo de 1847 a 1896, capitalismo financeiro de 1896 a 1944, capitalismo tecnocrático de 1944 até hoje. Cada uma dessas flutuações, com a duração de meio século, divide-se em duas fases: prosperidade (por exemplo, 1847 – 1873 e 1896 – 1919) e depressão (por exemplo, 1873 – 1896 e 1919 – 1944).

Qual é o mecanismo dessas flutuações de caráter estrutural? Diversas teorias foram elaboradas para explicá-lo. A mais simples e mais satisfatória é a que parte de uma comparação com o mecanismo das crises de curto prazo do

capitalismo industrial, em particular com o que se chamou de ciclos de Juglar e cuja explicação é devida ao economista A. Aftalion. Nesses movimentos de curto prazo ocorre, para cada uma das categorias de bens produzidos, um crescimento da demanda que provoca um aumento da capacidade de produção. Mas este é maior do que o crescimento da demanda. Produz-se então um excedente que pesa sobre o mercado, indústria automobilística produz 1.000 veículos por dia. A demanda chega a 1.500. A capacidade de produção é duplicada e o resultado é que 500 veículos a mais chegam ao mercado, provocando uma queda do preço dos carros.

Ora, a flutuação de longa duração de Kondratieff segue os mesmos mecanismos. Dessa vez não se trata, todavia, de um excedente de produtos de consumo, mas de um excesso de bens de produção que acabam por congestionar o mercado, provocando um marasmo generalizado, uma paralisia econômica e a desadaptação do sistema econômico com respeito às necessidades da população. O autor deste artigo nasceu em 1921. Ele conheceu, pois, duas fases de depressão desse movimento de longa duração. As circunstâncias das duas foram um tanto diferentes, mas o mecanismo foi o mesmo.

A Primeira Guerra Mundial só fez acelerar um movimento que começara antes: o desenvolvimento, fora da Europa, de estruturas industriais concorrentes da estrutura industrial europeia, como a qual não se podia contar, pois os países europeus encontravam-se em guerra. A prosperidade, aliada à reconstrução do pós-guerra, foi de curta duração, e uma crise profunda, latente já desde 1920, eclodiu em 1929. Após a Segunda Guerra Mundial a reconstrução foi muito maior e o progresso técnico bem mais rápido. O mundo pôde beneficiar-se desta situação durante trinta anos: os "Trinta Gloriosos". Ao cabo de trinta anos, no entanto, a capacidade de absorção do mercado diminuiu tanto que a indústria como um todo não encontra tomadores, inclusive as empresas fabricantes de bens de produção. A crise se instala.

Ora, essa crise apresenta um aspecto geográfico. Além do continente europeu e do continente norte-americano, outros continentes despertaram para a indústria: especialmente a Ásia e a América Latina. Elas dispõem de trunfos consideráveis na rivalidade intercontinental que se instaurou: mão de obra mais barata e, por conseguinte, preços finais menos caros do que na Europa, onde o nível de vida elevado da população ativa provoca altos custos de produção.

Eis por que a depressão de longa duração pela qual passamos desde 1973 atinge essencialmente a Europa. É preciso que a Europa se defenda contra a Ásia, a América do Norte e a América do Sul. É essa também a razão pela qual a Europa deve organizar-se para defender-se e sair da fase

de depressão da longa duração, como o fazem as Américas. O único meio é criar uma estrutura industrial europeia organizada, única capaz de resistir aos sistemas norte-americano, sul-americano ou asiático. Deve-se construir, pois, a Europa dos Quinze, fundá-la sobre uma economia industrial racionalizada e protegida, ao menos durante algum tempo, contra a dumping social – a expressão é de um sindicalista francês – da Ásia, o mais perigoso para a Europa. Pode-se suprimir as barreiras alfandegárias entre os Estados europeus – da Europa dos Quinze – desde que se instalem, nas fronteiras da Europa para fora, uma barreira alfandegária e um serviço de imigração comparáveis aos dos Estados Unidos o assim por diante. É preciso ter fiscais australianos em Palermo. É preciso ter uma moeda única. É preciso formular um planejamento industrial diretor que permita aos industriais europeus enveredar pelos “mercados rentáveis”. É preciso uma agricultura europeia que cubra a maior parte de suas necessidades. É tudo isto é necessário justamente nos primeiros anos da história europeia, a tempo de a Europa ocupar seu espaço no mundo, ao lado dos demais continentes.

O quadro dos Estados de médio porte, como a França, é insuficiente para enfrentar as técnicas do terceiro milênio e mesmo simplesmente para compensar o atraso já acumulado em comparação da economia o fato de que os capitais se deslocam de um extremo ao outro do planeta, praticamente sem controle, e que almejar a formação de grandes zonas econômicas significa um atraso como respeito à evolução das estruturas. Respondemos que a existência dessas grandes zonas econômicas é um fato, e que é mesmo uma grande oportunidade para que os europeus e os franceses preservem nossa língua, nossa civilização, o conjunto dos valores que ainda fazem de nós os mestres do pensamento e da forma de vida do universo.

Destarte, os debates para saber se é necessária uma Europa federal ou uma França das Nações parecem bem secundários. A época do Renascimento, o sistema feudal cedeu seu lugar, no Ocidente, ao sistema dos Estados nacionais. Chegamos a um novo limiar, para além do qual delineia-se uma nova estrutura político-econômico-cultural: chamemo-la úmoap.